

AMY HARMON

beleza
perdida

Tradução
Monique D'Orazio

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2015



VERUS
EDITORA

prólogo

— OS GREGOS ANTIGOS ACREDITAVAM QUE, APÓS A MORTE, TODAS as almas, quer fossem boas ou más, desceriam ao mundo inferior, o reino de Hades, nas profundezas da terra, e lá habitariam pela eternidade — Bailey leu em voz alta, seus olhos voando pela página. — O mundo inferior era guardado do mundo dos vivos por Cérbero, um cão enorme, cruel, de três cabeças, com cauda de dragão e cabeças de serpente nas costas.

Bailey estremeceu com a imagem que se formou em sua mente, imaginando como Hércules se sentiria quando visse a besta pela primeira vez, sabendo que teria de dominar o animal com nada além das mãos.

— Era a tarefa final de Hércules, o último trabalho a ser realizado, e seria a missão mais difícil de todas. Hércules sabia que, uma vez no submundo, enfrentando monstros e fantasmas, lutando contra demônios e criaturas míticas de todo tipo ao longo do caminho, poderia nunca mais retornar para a terra dos vivos. Porém a morte não o assustava. Hércules a enfrentara muitas vezes e ansiava pelo dia em que seria liberto de sua servidão interminável. Então Hércules seguiu, secretamente desejando ver no reino de Hades a alma dos entes queridos que havia perdido e pelos quais agora pagava penitência.

1

ser uma superestrela ou um super-herói

PRIMEIRO DIA DE AULA — SETEMBRO DE 2001

O ginásio do colégio estava tão barulhento que Fern precisou se inclinar até perto da orelha de Bailey e gritar para ser ouvida. Bailey era mais que capaz de manobrar a cadeira de rodas através do grupo agitado de alunos, mas Fern o empurrou para que pudessem ficar juntos com mais facilidade.

— Está vendo a Rita? — gritou Fern, os olhos percorrendo o lugar. Rita sabia que tinham de se sentar na parte de baixo da arquibancada, para que Bailey pudesse ficar perto delas. Bailey apontou com o dedo, e Fern seguiu com o olhar na direção até onde Rita acenava freneticamente, fazendo seus seios pularem e o volumoso cabelo loiro se agitar loucamente em volta dos ombros. Seguiram o caminho até ela, e Fern deixou Bailey assumir o controle da cadeira enquanto ela subia até a segunda fileira, sentando-se logo atrás de Rita, para que ele pudesse posicionar a cadeira no final do banco.

Fern odiava as reuniões de alunos na quadra antes de eventos esportivos. Ela era pequena e costumava ser empurrada e espremida,

não importava onde se sentasse, além de ter pouco interesse em torcer e bater os pés. Suspirou, acomodando-se para a meia hora de gritaria, música alta e jogadores de futebol americano levantando a galera num frenesi.

— Por favor, levantem-se para o hino nacional — anunciou uma voz, e o microfone protestou com um ruído agudo, fazendo as pessoas se encolherem e cobrirem as orelhas, mas tendo sucesso em deixar o ginásio silencioso. — Meninos e meninas, hoje temos uma surpresa especial. — Connor O’Toole, também conhecido como Beans, estava segurando o microfone com um sorriso malicioso no rosto. Ele estava aprontando alguma e imediatamente teve a atenção de todos.

Beans era descendente de irlandeses e hispânicos, e seu nariz arrebitado, os olhos brilhantes cor de amêndoas e o sorriso brincalhão não combinavam com sua pele mais morena. E ele era bom de papo; era óbvio que adorava seu tempo no microfone.

— Meu amigo e também amigo de vocês, Ambrose Young, perdeu uma aposta. Ele disse que, se ganhássemos nosso primeiro jogo, cantaria o hino nacional nessa reunião aqui no ginásio.

Suspiros de surpresa foram ouvidos, e o volume nas arquibancadas subiu no mesmo instante.

— Mas não apenas ganhamos nosso primeiro jogo, como ganhamos o segundo também! — O público rugiu e bateu os pés. — Então, sendo um homem de palavra, aqui está Ambrose Young, cantando o hino nacional — disse Beans e acenou com o microfone na direção do amigo.

Beans era pequeno. Embora estivesse no último ano, era um dos jogadores mais baixos do time e era mais adequado à luta livre que ao futebol americano.

Ambrose também estava no último ano. Mas ele não era pequeno. Era bem mais alto que Beans — seu bíceps era quase do tamanho da cabeça do amigo — e parecia um daqueles caras de capa de romance. Até seu nome parecia pertencer a algum personagem de literatura

picante. E Fern saberia. Havia lido milhares desses livros. Machos alfa, abdomes tanquinho, olhares poderosos, finais felizes. Mas ninguém nunca se compararia a Ambrose Young. Nem na ficção, nem na vida real.

Para Fern, Ambrose Young era absolutamente lindo, um deus grego entre os mortais, um ser de contos de fadas e de telas de cinema. Diferente dos outros garotos, ele usava o cabelo escuro em ondas que chegavam aos ombros, de vez em quando o jogando para trás, para que não caísse nos olhos castanhos de cílios espessos. O formato quadrado de seu queixo talhado o impedia de ser bonitinho demais; isso e o fato de que tinha 1,90 metro de altura — sem sapatos —, pesava robustos noventa e sete quilos aos dezoito anos e tinha um corpo repleto de músculos, dos ombros até as panturrilhas definidas.

Rumores diziam que a mãe de Ambrose, Lily Grafton, durante sua busca pela fama, havia se envolvido com um modelo italiano de cuecas em Nova York. O envolvimento rapidamente acabou quando ele descobriu que Lily estava grávida. Abandonada e esperando um filho, ela voltou mancando para casa e foi recebida pelos braços confortáveis do velho amigo, Elliott Young, que se casou com ela de bom grado e acolheu o bebê seis meses depois.

A cidade prestou atenção especial no lindo bebê enquanto ele crescia, especialmente quando o pequeno e loiro Elliott Young acabou tendo um filho musculoso, com cabelos e olhos escuros e um físico digno de, bem, de um modelo de cuecas. Catorze anos depois, quando Lily largou Elliott Young e se mudou para Nova York, ninguém ficou surpreso que ela fosse voltar a procurar o pai biológico de Ambrose. A surpresa veio quando o garoto de catorze anos permaneceu em Hannah Lake, com Elliott.

Na época, Ambrose já era figurinha carimbada na cidade pequena, e as pessoas especulavam sobre a razão de ele ter ficado. O rapaz lançava dardos como um guerreiro mítico e derrubava adversários no campo de futebol como se eles fossem feitos de papel. Quando tinha

quinze anos, Ambrose levou seu time mirim de basquete para o campeonato regional e conseguia arremessos incríveis com a bola. Todas essas coisas eram notáveis; mas, em Hannah Lake, Pensilvânia, uma cidade que fechava o comércio para duelos locais e seguia as pontuações esportivas do estado como se fossem números vencedores da loteria, onde a luta livre era uma obsessão que rivalizava com a posição do futebol americano no Texas, era a habilidade de Ambrose Young na arena de luta que o havia tornado uma celebridade.

A multidão ficou silenciosa no instante em que Ambrose pegou o microfone, esperando pelo que seria um massacre altamente divertido do hino. Ambrose era conhecido por sua força, pela aparência bonita e destreza atlética, mas ninguém nunca o tinha ouvido cantar. O silêncio estava saturado de expectativa boba. Ambrose colocou o cabelo para trás e enfiou a mão no bolso, como se estivesse pouco à vontade. Depois fixou os olhos na bandeira e começou a cantar.

— Ó, dizei, podeis ver, na primeira luz do amanhecer... — Mais uma vez era possível ouvir o espanto da plateia. Não porque fosse ruim, mas porque era maravilhoso. Ambrose Young tinha uma voz que fazia jus ao corpo do qual ela saía. Era macia e grave, impossivelmente poderosa. Se chocolate amargo pudesse cantar, cantaria como Ambrose Young.

Fern estremeceu quando a voz dele a envolveu como uma âncora, alojando-se fundo em sua barriga, puxando-a para baixo. Quando deu por si, seus olhos estavam se fechando por trás dos óculos grossos, e ela deixou o som inundá-la. Era incrível.

— Sobre a terra dos livres... — a voz de Ambrose chegou ao ápice e Fern sentiu como se tivesse escalado o Everest, sem fôlego, agitada e triunfante. — E o lar dos valentes! — A multidão rugiu em volta dela, mas Fern ainda estava presa àquela nota final.

— Fern! — a voz de Rita ecoou. Ela empurrou a perna da amiga, que a ignorou. Fern estava no meio de um momento. Um momento, na opinião dela, com a voz mais linda do planeta.

— A Fern está tendo o primeiro orgasmo. — Uma das amigas de Rita deu uma risadinha. Os olhos de Fern se abriram de repente para ver Rita, Bailey e Cindy Miller olhando para ela com um grande sorriso estampado no rosto. Felizmente, os aplausos e a resposta animada dos presentes impediram que outros ouvissem o comentário humilhante de Cindy.

Pequena e pálida, com cabelo ruivo vivo e feições esquecíveis, Fern sabia que era o tipo de garota que passava despercebida, era facilmente ignorada e com quem ninguém sonhava. Havia flutuado pela infância sem dramas e com pouco alarde, ancorada na perfeita consciência da própria mediocridade.

Como Zacarias e Isabel, pais do bíblico João Batista, os pais de Fern já estavam bem além da idade de ter filhos quando, de repente, se viram com uma adição à família a caminho. Joshua Taylor, de cinquenta anos, pastor popular na cidadezinha de Hannah Lake, ficou sem ação quando a esposa, com quem estava casado havia quinze anos, disse, chorosa, que ia ter um bebê. O queixo dele caiu, as mãos tremeram. Não fosse pela alegria serena estampada no rosto da esposa de quarenta e cinco anos, Rachel, ele teria pensado que ela estava pregando uma peça pela primeira vez na vida. Fern nasceu sete meses depois, um milagre inesperado, e a cidade toda celebrou com o amado casal. Fern achava irônico que um dia tivesse sido considerada um milagre, quando sua vida não havia sido nada milagrosa.

Fern tirou os óculos e começou a limpá-los na barra da camiseta, conseguindo, com eficiência, deixar-se cega para os rostos divertidos ao redor. Que rissem. Porque a verdade era que ela se sentia ao mesmo tempo zonzona e eufórica, como costumava se sentir depois de uma cena de amor especialmente gratificante em um de seus romances favoritos. Fern Taylor amava Ambrose Young; amava-o desde que tinha dez anos e ouvira a voz dele se erguer em um tipo muito diferente de música; porém agora ele alcançava um nível inteiramente novo de beleza, e Fern estava admirada e inebriada que um garoto pudesse ter recebido tanto da natureza.



AGOSTO DE 1994

Fern caminhava entediada para a casa de Bailey, depois de ter terminado cada um dos livros emprestados da biblioteca na semana anterior. Encontrou Bailey sentado como uma estátua nos degraus de concreto que levavam à porta da frente de sua casa, os olhos concentrados em algo na calçada logo adiante. Ele foi retirado de seu devaneio somente quando o pé de Fern por pouco não pisou no objeto de seu fascínio. Bailey deu um berro, e Fern soltou um gritinho quando viu a enorme aranha marrom a poucos centímetros de seus pés.

A aranha continuou seu caminho, atravessando lentamente o longo trecho de concreto. Bailey disse que a estava seguindo havia meia hora, nunca ficando perto demais, porque, afinal de contas, era uma aranha e era nojenta. Era a maior aranha que Fern já tinha visto. O corpo era do tamanho de uma moeda de cinco centavos, mas, com as pernas finas e compridas, chegava facilmente ao tamanho de uma moeda de cinquenta centavos, e Bailey parecia fascinado por ela. Afinal, ele era menino, e a aranha era nojenta.

Fern se sentou ao lado dele, observando a aranha atravessar a calçada da casa de Bailey com toda a calma. A aranha percorria uma linha tortuosa, como se fosse um velho passeando, sem pressa, sem medo, sem nenhum objetivo aparente na cabeça, um cidadão vivido, membros delgados e longos, desdobrando cuidadosamente cada perna a cada passo. Assis-tiam à aranha fascinados pela beleza aterrorizante. O pensamento pegou Fern de surpresa. Ela era bonita, embora a assustasse.

— Ela é legal — Fern disse, admirada.

— Dã! Ela é incrível — disse Bailey, sem nunca desviar os olhos. — Eu gostaria de ter oito pernas. Fico me perguntando por que o Homem-Aranha não ganhou oito pernas quando foi mordido por aquela aranha radioativa. Ele ganhou uma visão ótima e muita força, além da capacidade de fazer teias. Por que não as pernas extras? Ei! Talvez o veneno

da aranha cure distrofia muscular e, se eu deixar esse bicho me morder, vou ficar grande e forte — Bailey refletiu, coçando o queixo como se estivesse realmente considerando a hipótese.

— *Humm. Eu não me arriscaria.* — Fern estremeceu. Eles voltaram a ficar compenetrados e nenhum dos dois percebeu o menino andando de bicicleta pela calçada.

O garoto viu Bailey e Fern sentados e tão parados, tão silenciosos, que seu interesse foi despertado imediatamente. Ele desceu da bicicleta, colocou-a sobre a grama e seguiu o olhar de Fern e Bailey até onde a aranha marrom enorme se arrastava pela calçada na frente da casa. A mãe do menino morria de medo de aranhas. Ela sempre o fazia matá-las na mesma hora. O garoto tinha matado tantas que nem tinha mais medo delas. Talvez Bailey e Fern estivessem com medo. Talvez estivessem morrendo de medo, tão assustados que nem conseguissem se mexer. Ele podia ajudar. Correu até a calçada e esmagou a aranha sob o grande tênis branco. Pronto.

Dois pares de olhos horrorizados dispararam para ele.

— *Ambrose!* — Bailey gritou, estarrecido.

— *Você matou a aranha!* — Fern sussurrou, chocada.

— *Você matou a aranha!* — Bailey berrou, colocando-se de pé para em seguida sair cambaleando pela calçada. Ele olhou para a sujeira marrom que tinha ocupado a última hora de sua vida. — *Eu precisava do veneno dela!* — Bailey ainda estava tomado pelas próprias fantasias de curas de aranha e super-heróis. Então surpreendeu a todos ao cair no choro.

Ambrose ficou olhando para Bailey, boquiaberto, e depois observou o garoto subir os degraus com pernas não muito firmes e entrar em casa, batendo a porta atrás de si. Ambrose fechou a boca e enfiou as mãos nos bolsos da bermuda.

— *Desculpa* — ele disse a Fern. — *Pensei... Pensei que vocês estivessem com medo. Vocês estavam sentados aí, olhando para ela sem fazer nada. Eu não tenho medo de aranhas. Só estava tentando ajudar.*

— Será que devemos enterrar? — perguntou Fern, os olhos tristes por trás dos óculos grandes.

— Enterrar a aranha? — Ambrose perguntou, espantado. — Era de estimação?

— Não. A gente acabou de conhecer — disse Fern, séria. — Mas talvez isso faça o Bailey se sentir melhor.

— Por que ele ficou tão triste?

— Porque a aranha morreu.

— E daí? — Ambrose não estava tentando ser um idiota, apenas não entendia. E a cabecinha ruiva com cabelo rebelde e cacheado estava meio que o assustando. Ele já a tinha visto na escola e sabia seu nome, mas não tinham contato. Ele se perguntou se ela era especial. Seu pai dizia que ele tinha de ser bom com as crianças especiais, porque elas não tinham escolhido ser daquele jeito.

— O Bailey tem uma doença que faz os músculos dele ficarem fracos. Ele pode morrer, então não gosta quando as coisas morrem. É difícil pra ele — explicou Fern, de forma simples e honesta. Na verdade, ela parecia ser inteligente. De repente os acontecimentos anteriores no acampamento de luta livre naquele verão fizeram sentido para Ambrose. Não era para Bailey lutar, porque ele tinha uma doença. Ambrose se sentiu mal de novo.

Ele se sentou ao lado de Fern.

— Vou te ajudar a enterrar a aranha.

Ela levantou e saiu correndo pela grama em direção à própria casa, antes que Ambrose tivesse terminado de dizer as palavras.

— Tenho uma caixinha perfeita! Veja se você consegue tirar a aranha da calçada — ela gritou por cima do ombro.

Ambrose usou um pedaço de casca de árvore da floreira dos Sheen para recolher os restos mortais da aranha. Fern estava de volta em trinta segundos. Ela segurou aberta a caixinha de anel branca, e Ambrose colocou as tripas da aranha no tecido imaculado de algodão. Fern colocou a tampa e fez um gesto solene. O garoto a seguiu até o quintal da casa

dela e então, juntos, abriram um pequeno buraco tirando punhados de terra de um canto do jardim.

— Esse tamanho deve dar — disse Ambrose, pegando a caixa da mão de Fern e colocando-a no buraco. Eles olharam para a caixa branca.

— A gente precisa cantar? — perguntou Fern.

— Só conheço uma música de aranha.

— A da Dona Aranha?

— É.

— Também só conheço essa.

Juntos, Fern e Ambrose cantaram a canção sobre a aranha que era derrubada da parede pela chuva forte. Depois, quando passava a chuva e o sol voltava a surgir, a aranha teimava em subir outra vez.

Quando a música terminou, Fern colocou a mão na de Ambrose.

— A gente deveria fazer uma pequena oração. Meu pai é pastor. Eu sei orar, então eu falo.

Ele se sentiu estranho por segurar a mão dela. Estava úmida e suja por cavar a sepultura e era muito pequena. Mas, antes que ele pudesse protestar, Fern já estava falando, com os olhos fechados apertados e o rosto franzido com a concentração.

— Pai Celestial, somos gratos por tudo o que o Senhor criou. Adoramos observar essa aranha. Ela era legal e fez a gente feliz por um minuto antes que o Ambrose a esmagasse. Obrigada por tornar bonitas até as coisas feias. Amém.

Ambrose não tinha fechado os olhos. Ficava observando Fern. Ela abriu os olhos e sorriu para ele docemente, soltando sua mão. Então começou a empurrar a terra por cima da caixa branca, cobrindo-a completamente e dando tapinhas por cima. Ambrose encontrou umas pedrinhas e as arrumou formando um A, de aranha. Fern acrescentou algumas pedras em forma de B, ao lado do A de Ambrose.

— Por que o B? — Ambrose perguntou. Pensou que talvez a aranha tivesse um nome que ele não conhecia.

— Aranha Bonita — ela disse simplesmente. — É assim que vou me lembrar dela.